

Editorial

Um suspiro.

- Um suspiro. Como o suspiro das *Histéricas* no fim do século XIX. “A História de um Sonho” de Arthur Schnitzler; Henry Miller, basta lembrar o “Opus Pistorium”; “A Sul Nenhum Norte” – Charles Bukowski; Luiz Pacheco e “O Libertino Passeia por Braga a Idolátrica o seu Esplendor”; de outra forma, Bret Easton Ellis em “Menos que Zero”. A sexualidade, o sexo, sempre estiveram aqui e hoje estão em todo o lado, nos anúncios; na exigência dos corpos de ginásio; na música; nos écrans, estão em tanto lado que parece que nos perdemos. Como na história contada pelo enorme João dos Santos, em que o miúdo que se masturbava à vista na sala de aulas, era o único que não se masturbava porque não tinha fantasia, também a psicoterapia actual corre o risco de vulgarizar a sexualidade e esquecer, como escreve Jonathan Slavin nesta revista, de perguntar às pessoas em Terapia quais são os desejos que têm; que gostos; medos e fantasias; o que as excita? A Psicanálise contemporânea não pode deixar cair um tema fundador. Daí trazermos – deixem-nos dizer – belíssimos artigos da Sandra Toribio Caballero, da Denise Goldfjan e, sobre transferência erótica, do Rogério Fonseca. Na outra metade da revista, temos artigos do que pensamos ser um interesse sortido. Rui Lopes, um experiente e valente Psicólogo, escreve sobre a possível liderança de grupos que acolhem crianças traumatizadas; David Figueirôa e João Paulo Ribeiro dão-nos o mundo através do olhar do psicoterapeuta; Juliana David e Manuel Matos escrevem com esperança e profundidade sobre a relação terapêutica, como, também, escreve Mário Marrone, ao discorrer sobre a vinculação e Ariel Liberman com Isaac Seabra ao pensarem o desenvolvimento através de Stephen Mitchell. A revista termina com uma entrevista ao Neil Altman onde a Catarina Bray Pinheiro e o Filipe Baptista-Bastos procuram perceber o percurso de vida e as ideias chave de um psicoterapeuta fundamental para a clínica dos dias de hoje e com um fragmento de Rosa Velasco sobre um poema de Winnicott. A capa da Revista e o manifesto artístico de Donna Bassin, psicoterapeuta, realizadora e artista

plástica americana, que iluminam a escuridão do Trauma, como o chiaroscuro de Caravaggio, lembram-nos da importância da teoria da sedução. Tal como esta revista que não quer ser lida de uma assentada, é para ficar no tempo e ser procurada lentamente.

Esperemos que apreciem com a calma dos preliminares.

A Direcção Editorial

Paula Campos

Filipe Baptista-Bastos

Hélder Chambel